

DIRECTOR-EDITOR
Ferreira da Silva
redação, administração,
composição e impressão:
da Alportel, 23 27
SEMANARIO INDEPENDENTE
NÚMERO AVULSO 20 ESTAVOS

O ALGARVE

floridor

• Castelo de Faro

delicia era aquela endiada Nitouche em que o talento nacional da Lucinda do Carvalhava como um diamante nas facetas ingenuamente daquelas scenas alegres assistentes da velha e genial! E o Alfredo de Carvalho

Floridor insubstituível, alempagavel e que Borromeu, genialmente comic! Que esses! Então ainda havia mustradores de concelho, funções filhos da politica e dos que os tinham sempre invejais ás duzias!... A democracia aboliu, porém, esses di-nes cooperadores da politica faziam, em geral, dependendo aquela deslavada matrona as suas justicieras resolu-mento na cadeia ou preto os que por desgraça ou tinham de passar pela autoridade segundo eram inimica adversaria onda politica encaixada no poleiro.

Em logar desses quasi centenares servidores do piz e do funcionalismo ortodoxo, sur-agora os delegados do go-vo, funcionários graciosos, de talento e chélos de que de olhos em alvo só amar arrostam e sefrem as mencias da politica, e sem dodo nem paga do erario pu-vivem e para maior brilho regimen, no regimen da abs-ma e da penitencia redem-vegetam.

ida vez que um destes leias interessados servidores do en abandonou, em plena bo-a, a rigida cadeira respeita-sua magistratura augusta, mundo da politica regional verdadeira e funda emoção

de fundas rasões imensas en-de magua a alma do ter-gracioso funcionario que de na Republica, sacrificava o vicio, o seu talento e o seu luto e o levaram a abando-noutra as suas altas e no-ruções?

é a pergunta anciosa que traz agoniados numa traga todos os bons publicanos de Faro. Com efeito se que o sr. Alfredo Ale-xandre Luiz da Silva, ilustre de-lo gracioso do governo, nes-cnelho, abandonou as suas funções para não voltar mais

desconfiamos que anda aqui mida grossa, daquela que moir de magua a alma do srio Scipião heroico.

Existe esleve sempre ao lado governo, isto é, ao lado dos rados contra os explorado-ja se vê, contra as damna-forças vivas, harpias desal-ia, que neste piz monopólio sugam o sangue daqueles fizes. E, mais ainda: este alma e coração ao lado dos gentissimos oradores que do das janelas do governo civil bem souberam entoar o hino de gloria que levou á co-ia o governo do sr. José Du-ques dos Santos.

Nem sabemos que hia por ahí invejosos a dizer asneiras, onde houve uma virtude que aparecesse um zoilo?

Que tem que os estabelecimenti do ilustre delegado do go-vo, vivessem á meia porta em al de protesto contra o mesmo

Atenção

Evaristo Filipe de Mio, participa a todas as pessoas, que continua trabalhando na sua profissão — po-lidor de móveis — por diversas ca-sas de freguezes.

Rua Baptista Lopes, 5 — FARO.

IDEAS E FATOS

Ferrer — Antero do Quental

e a Camara de Faro

Do ilustre secretario da Asso-ciação dos Arqueólogos sr. Frazão de Vasconcelos, recebemos ha tempo uma carta em que nos explica o caso do Castelo de Faro naquelle a associação e no Diário de Noticias. Não fizemos ainda referen-cia a essa carta porque esperava-mos o desfecho da intervenção daquela sociedade a quem a arte e a arqueologia muito devem.

Afinal, a Associação dos Arqueólogos louva-se no parecer do Instituto Arqueológico do Algarve, benemerita sociedade que tem a sua sede nesta cidade e que não costuma dormir quando se trata do ramo de estudos, que é a razão da sua existencia. Esse parecer cujo extracto publica o Diário de Notícias, é completamente favorável a demolição das velhas muralhas para expansão e embe-lezamento da cidade.

Nos não extraímos que a Asso-ciação dos Arqueólogos, cuja be-nemerita acção somos os primeiros a reconhecer e a louvar inter-viesse no assunto, mas chocou-nos e ofendeu-nos a terminologia ar-terial de que vinha lardeada a local que o Notícias publicou e que con inuamos a classificar de impropria do referido jornal e da referida associação. Faro é uma terra civilizada embora não tenha a prosapia de que costumam usar os habitantes de Lisboa, que se julgam detentores de toda a scien-cia e de toda a civilisação, não se lembrando de que as ruas da capital ostentam todos os dias actos que envergonhariam as mais ser-tanejas aldeias das nossas serranias.

A arte e a scienza verdadeiras não podem apresentar-se senão com formas tolerantes e educa-doras.

Fora disso só ha charlatanismo e ignorancia com pretenções.

tros membros das forças vivas, das harpias exploradoras?

Pois então o sr. Alfredo Ale-xandre Luiz da Silva, não pôde ser um sobre e alto delegado e representante legítimo de um go-vo do povo e para o povo, nas austeras salas daquela magistratura augusta, e ser nos vastos ar-

mazens elegantes de Faro, dos sa-rosos quejos de entorn, dos sa-borosos e gostosos chouriços de Arrayolos, dos saborosissimos presuntos de Lamego, dos gordos toucinhos do Alemtejo, dos com-plicados maquinismos electricos, dos lotes de carriagos de li-nhas, das lindas figurinhas de barro de Coimbra, das saborosas balachas e massas da Nacional, do gostosissimo célebre judeu, dos sa-borosos figos do Algarve e do papel Conquistador, etc., etc., e ser ao mesmo tempo o grande e honradíssimo comerciante que to-da a capital do Algarve conhece, admira e venera?

Evidentissimamente.

Estamos por isso absolutamente convencidos que o boato não teria fundamento e, que, o gracio-síssimo e filantropo funcio-nario, continuará a prestar ao governo a luz brillante do ex-perimentado e reconhecido sacer-dote. Porque é preciso ver bem isto. Não se trata de um qual-quer. Trata-se de um grande tec-nico dos problemas adminis-trativos, o que, por ser raro apre-cesser, tem levado o paiz ao misero estado em que se encontra.

Se fossem todos como ele, ou-tro gallo nos cantaria...

Tratado por mais de uma vez nas colunas deste jornal, onde habitualmente escrevemos, este caso — Os admiradores de Ferrer — obriga-nos a algumas considerações, feitas num liberrimo direito de critica e sob a unica e completa responsabilidade do nome que as firma. E autoridade não nos falta para as fazer, afastados como estamos dos dois campos politicos que a resolução da camara de Faro ve u pô em foco, e, mas ainda, não termos contra esta o mais pequeno ressentimento de ordem pessoal ou politica.

* * *

Ferrer, quer acreditem ou não os seus inimigos, foi um homem cuja sorte foi feita ao serviço e educação das camadas populares do seu paiz. Instrução especial, educação diferente das ministradas nas escolas oficiais de Espanha? Naturalmente. Ferrer era uma criatura curta, extremamente viajada em contacto permanente com os maiores pedagogos e pensadores de todas as partes do mundo. Não admira pois que tivesse ideias proprias sobre questões de ensino ou fosse, com a sua Escola Moderna, o introdutor em Espanha dos mais avançados processos pedagogicos.

Tem-se dito muitas vezes que as escolas de Ferrer eram escolas anarquistas. Quem assim fala não só não sabe o que é anarquismo como também nunca leu os livros que nessas escolas eram adoptados. Escolas rationales eram nos, sim, porque não eram como as outras existentes, tão boas como as que temos em Portugal, verdadeiros antres de inconsciencia pedagogica, povoadas de autenticas maquinas de papaguear.

Ferrer, ao fundar a Escola Moderna, não pretendeu fazer anarquistas, mas homens que no dia de amanhã podessem, por uma previa preparação scientifica e intelligentemente feita, abraçar livremente este ou aquele credo politico, esta ou aquela religião, sem imposições de pais ou professores. A Escola que Ferrer combatia, a escola onde fomos educados (?), aquela que para si vemos a cada canto, não procura na crença o respectivo grau de receptividade intelectual, para, p' r esta regular a ministração do ensino. Nada disso. O que pretende, o que impõe, é que a creança exige até as fezes, tudo o que consta do respectivo programa escolar, tenha de recomegar os estudos, se algum enledo de conhecimentos quizer possuir, a ser o, a valer.

Tudo isto viu Ferrer, e como ele, os homens que o rodeavam, sab os como Odón de Buen, Unamuno, etc., etc., que a Escola Moderna deviam o melhor da sua inteligência e actividade, em livros peleças.

Mas... o que é natural, o que é logico, esta obra não convinha a reacionarissima Espanha de Mou-re e de Lacierra. Sem negar a existencia das religiões, a escola de Ferrer não ensinava nenhuma, deixando à creança mais tarde, a liberdade de adoptar aquela que mais lhe agradasse. Nenhuma dos papões de ordem politica, religiosa ou filosofica tinham ali assento. Daí... o protesto da semana sanguenta, a greve de Barcelona, para deitar abaixo a obra de Ferrer e com ela o seu autor.

E' conhecida a indignação que este facto causou em todo o mundo. Enão se diga que foram só os elementos avançados aqueles que protestaram. Se assim tivesse sucedido, nunca o protesto teria sido tão grande, tão profundo, manifestando-se de mil e uma maneiras, nas vilas e cidades dos mais diversos paizes. E porque a inocente de Ferrer nos tumultos de Barcelona foi um dia proclamada pela propria Espanha que o molhou, mais ganhou em beleza o protesto anteriormente feito e em respeitosa veneração, a memoria daquela que, embora modesto pro-

Aeroporto fiamento que a rá-fida vereação seja mais simpatico o nome de Antero que o de Ferrer, nenhum motivo vemos para que lhe agradecem o gesto os admiradores do primeiro ou aqueles dos munícipes afastados das pequenas gretiúnculas politicas.

A rua que ati ha poucos meses ostentava o nome de Ferrer, está situada num bairro onde, subi-ano io os, p'lujam os corraes os poelegos, as écocheiras, ou le poucas são as portas que tem numeros de polícia ou inícias dos seus proprietarios, onde não existe sombra de passeios ou daquilo a que vulgarmente se chama pav-

Jardim Escola João de Deus

Mais um grande beneficio acab-de receber a nossa cidade. O ilustre deputado republicano sr. dr. Sousa Coutinho, com a tenacidade e o amor que esta terra lhe merece obteve a criação em Faro de um jardim escola que terá o nome do grande poeta algarvio do Campo de Flores. O sr. dr. Sousa Coutinho que é um verdadeiro benemerito desta terra juntou mais um ponderoso motivo á profunda gratidão de que lhe é devido o povo de Faro.

Também o sr. dr. Sousa Coutinho, numa conferencia com os sr. ministerio da marinha e almirante Hipólito da Brilh, pediu a criação de um posto de Socorros a naotras no Fazeta, para acudir de futuro a qualquer desastre na barra daquele povo.

Como o pedido foi atendido, brevemente se vai proceder a instalação do posto.

A produção do azeite

O Instituto Internacional de Agricultura de Roma, acaba de publicar a seguinte nota da producção mundial do azeite de oliveira referente a conjunto de países que representam os 9 decimos da produção mundial:

| |
|-----------------------|
| 1924 — 9.260 quintaes |
| 1923 — 6.140 |
| 1922 — 7.120 |
| 1921 — 5.470 |
| 1920 — 7.320 |
| 1916 — 5.700 |

A moagem em França

Ha em França 14.884 moinhos com uma producção de farinha de trigo de 482.729 kilos. A capacidade destes moinhos varia entre os que trabalham menos de 25 quintas por dia, que são 11.850, e os outros que produzem 80.150, 800, 600 e 800 quintas.

mento, onde não existe sistema algum de ex-gotos, apesar de ser um bairro recente, onde finalmente, os lhos se encontram a cada passo, em p'ena rua, de mistura com os líquidos mais diversos e menos odoríferos possivel.

Verdadeiro campo de concentração do mosquedo mais variado, campo da cultura dos estrumes mais diversos, desgraçado daquele que tendo a infelicidade de almorar, necessita de calçurniar a quelas paragens em noites em que a luta não apareça, que são algumas e naquelas em que a verdadeira luz não brilhe, que são quasi to-das.

Ora, foi para aqui, para esta verdadeira boca de Pandora, que a vereação farense entendeu dirigir as suas atenções. Para remediar algum ou alguns dos males sponados? Nada disso. Para substituir o nome dumas das suas ruas! Como se o nome nalguma coisa interessasse á segurança, a comodidade, á estética, á salubridade do local, e mais, ainda, ao bom nome da eduidade!

Não! Nos não discordámos de que fosse reusado o nome de Ferrer, nos não concordámos que em lugar dele seja posto o de Antero de Quental. Porque nos que há-jam sido, são, segundo nós e mu-la gente, grandes demais para servirem de fila politica e grandes demais, ainda, para que ss afro-te o desleixo ou a incuria municipal, seja de que terra for.

O que a esmara de Faro tem a faz é deixar em branco todas as placas existentes nas esquinas das suas ruas, substituindo a politica peli vassoura, pela carroça, pela picareta.

Depois, sim, terá o direito de preencher os espaços em branco com os nomes que quiser. Quando a nós, sinceramente o declaramos, deverão ser os daqueles que acima das suas inclinações politicas saibam colocar a graudeza das funções para que foram eleitos.

Lisboa.

Arto d' Oliveira



R. da Escola Politécnica,
LISBOA

Gréve

Com o selo da Confederação Geral do Trabalho aparece na cidade um manifesto da Associação dos Marinhos de Faro, pretendendo explicar uma greve de barqueiros que ali se manifestou com aspecto e intuito absolutamente bolchevistas, não se esquecendo os manifestantes de dispensarem algumas amabilidades proprias deles, a quem su-põem ser causa da resistencia as suas insolitas e desmodadas protestações. Não nos referirímos ao caso se se tratasse a pena de uma reclamação de salários visto cada um poder dar o seu trabalho o valor que quiser, mas é que se trata já de exigir dos proprietários das barcas que não vão na balsa, a renuncia aos seus direitos consignados em todos os codigos de todos os países civilizados.

Os grevistas pretendem impedir a saída de barcos carregados de alfarobas, mas em vista das reclamações dos exportadores e autoridades é seguir ante-hontem esses barcos no seu destino. Segundo nos cons-ta os ultos que tramaram toda esta trapalhada vão ser irradiados de socios da Associação Comercial, porque a maioria daquela associação assim o exige.

Parce que os exportadores vão tratar de obter uma tarifa especial para alfarobas, mendous e figos, entre esta cidade e Vila Real afim de ahí podrem fazer os seus carregamentos directamente dos vagões para os navios atracados á ponte do caminho de ferro.

Os exportadores disseram que actualmente, lhes custa mais o frete de uma tonelada de alfarobas entre esta cidade e o navio que as conduz á Inglaterra, do que entre aquela nação e este porto o que é uma verdadeira exorbitância.

Pela nossa parte achamos estes conflitos com aspectos rebarbativos uma coisa que toca as raías da estupidez. Os cegetistas ainda não se convencem que é melhor o aspeto conciliatório do que o alarde de fogo; que na ocasião propria só serve para criar conflitos irredutíveis donde saem os camaradas amanhados e prejudicados nas suas relações e nos seus interesses pessoais! Mas se assim não fosse como é que haviam de viver certos camaradinhos que passam, comem e vestem bem sem arranjar calos nas mãos?

Incendio

Q sinal do Arco da Vila, por volta das 9 horas e meia da noite de sexta feira tocou a rebate. Supozemos nós, e muita gente, que se trattaria de arranjar numero para algum outro cemicio no governo civil. Mas desta vez não foi para isso; o sino não tocou ás ordens do tal cronico pretendente ao lugar de administrador de qualquer concelho. Tinha-se manifestado incendio nos b'ixos da casa de residencia do sr. major Soares, na rua Rebolo da Silva, onde está instalada a agencia funeral da sr. Antonio Nugas.

Os socorros não se fizeram esperar. Compareceram com o seu comandante, sr. Franco da Cruz, as b'ombas municipaes n.º 2 e 3, coudizadas pelos bombeiros Henrique Ramos, José Flordina, Francisco dos Santos, Domingos Lopes, José da Torre, Francisco Viegas, patrão Carlota, chefe do material, José Leal e o corpo de salvaguarda publica.

Pouco depois do material ter chegado estava o incendio extinto, porque o trabalho foi bem dirigido e os secorros prontos.

Toda aquela trapalhada que serve para nos remeterem para o outro mundo, a preços exorbitantes, ficou inutilizada, tendo o seguro que pagar os prejuízos, que são totais.

